

Depois da chuva

A vista do alto daquele morro, o mesmo morro em cujo topo eu costumava brincar quando criança (aliás, fora de lá que os percebera pela primeira vez: centenas, milhares, talvez milhões de homens organizavam-se em infindáveis filas paralelas no fundo do vale. Fazia tempo que não subia ali, e, sempre que por lá passara, nunca vira nada similar. Lembro que procurei um lugar para sentar e fiquei a contemplar aquela imagem. Observadas de cima, não se podia saber onde desembocariam tais filas: eram homens sem fim. A impressão que eu tinha era de que eles não se mexiam, não conversavam e nem se dirigiam uns aos outros. Não saberia dizer desde quando estavam lá, muito menos poderia imaginar quem eram ou se pretendiam um dia sair dali. O sol já estava se pondo, mas sua luz ainda batia nas costas dos homens, realçando os tons de suas peles. Já era tarde, deveria voltar para casa.

No outro dia, assim que me livre de minhas obrigações, despistei meus amigos — queria estar só — e encaminhei-me direto para o morro. Passara a noite anterior duvidando do que vira durante o dia. Conforme ia me aproximando do topo, via formar-se, aos poucos, o mesmo oceano dourado da véspera. Os homens continuavam lá, no mesmo lugar, na mesma posição. Nada parecia ter mudado de um dia para o outro. Dessa vez, não me contive: descí. Chegando ao pé do morro, percebi que eles não eram iguais, nem em tamanho, nem em cor, nem em

coisa alguma. Alguns eram morenos, outros loiros, uns poucos ruivos. Uns altos, outros baixos, outros medianos. Muitos de cabelos longos — os de alguns iam até a cintura —, outros de cabelos curtos; alguns encaracolados, outros lisos, uns poucos ondulados. Todos estavam completamente estáticos e pareciam não notar a presença uns dos outros. Quando me aproximei o bastante para constatar se respiravam ou não, um vento leve fez os cabelos mais longos de alguns voarem sobre seus rostos. Levei um susto com aquele súbito movimento. Subi o morro em disparada.

Acordei no outro dia achando-me idiota por não ter ficado mais tempo lá embaixo. À tarde, desci o morro de novo. Dessa vez, observei-os bem de perto. Não sei se já disse que todos estavam de pé e nus. Olhavam para a frente e tinham terra depositada nos ombros e nos cabelos. As pernas encontravam-se ligeiramente abertas e as mãos tapavam o sexo. Uma distância de dois passos separavam-nos uns dos outros tanto para frente e para trás quanto para os lados. Piscavam seus olhos negros, castanhos, verdes, azuis, violeta, cinza. Podiam-se ver homens negros, brancos, amarelos, vermelhos distribuídos ao acaso ao longo das filas. Até hoje, não consegui compreender a ordem subjacente àquelas filas: não eram filas só de orientais ou só de negros, mas de todos os tipos de homens juntos, numa disposição que parecia não seguir qualquer lógica. Caminhei por entre eles. Não davam pela minha presença. Parei defronte a um negro forte, mediano, de cabelo revoltado: mostrei-lhe a língua. E ele, nada. Andei mais um pouco e puxei os cabelos muito compridos de um loiro alto e saí correndo com medo de sua reação. Ele nem deu bola. Dancei — da maneira desajeitada que sei dançar —

e nada, nem um sorriso. Fiz sinais obscenos, ofendi um deles — de olhos bem puxados —, gritei no ouvido de outro, baixei as calças, corri para lá e para cá, dei cambalhotas. Nada. Tudo isso só serviu para eu suar muito. O silêncio era absurdo, rompido ocasionalmente pelo barulho do vento. Sentei-me entre aqueles homens e deixei-me ficar ali até escurecer.

Tinha decidido que não voltaria mais lá. Era perda de tempo. Entretanto, no final do dia, a curiosidade me venceu. Deveria voltar. Mas prometi a mim mesmo que iria somente até o alto do morro, sem descer. Queria, na verdade, me certificar de que eles continuavam no vale. Subi tudo mais uma vez, e confesso que não me surpreendi nem um pouco quando os vi no mesmo lugar, nas mesmas posições. Voltei para casa.

Contrariando a decisão anterior, a partir desse dia tomei como uma obrigação ir ao morro diariamente, nem que fosse apenas para confirmar se ainda estavam lá. Portanto, lá estava eu enfrentando novamente os mais que familiares pedregulhos do morro, ignorando o calor excessivo que fazia com que a subida parecesse mais longa e desgastante do que realmente era. Dessa vez, os homens permaneciam no mesmo lugar, mas não mais nas mesmas posições: todos haviam trocado de lado: ao invés de estarem virados para o morro, eles agora encontravam-se de costas para o meu ponto de observação. Quanto ao resto, nada havia mudado.

No outro dia, amanheceu chovendo, e chovendo forte. Não fui ao morro.

Mais um dia se passou, e a chuva da véspera foi substituída pelo sol intenso. Acordei de ótimo humor frente à perspectiva de voltar ao “meu lugar” — por esse tempo, começara a chamar o morro e seus homens de “meu lugar”. Escalei a longa encosta em menos de meia hora — bem menos tempo do que despendera nos dias anteriores. Mais uma vez, lá do alto, espiei para baixo. Impossível descrever a minha surpresa ao perceber que os meus homens não se encontravam mais lá. Tinham todos sumido. Restavam apenas poças d’água esparsas), nada mudara desde a última vez em que estive lá.